

Despertou viva curiosidade em todo o nosso meio artistico, intelectual e elegante, a abertura do Grande Salão dos Humoristas, desde há muito annunciada, e — registre-se a grande verdade — em todos os centros aguardada com visível interesse.

Não é de nossa intenção fazer chronica ou historiar os antecedentes do Salão dos Humoristas, nem tão pouco vamos entaipar-nos, furiosamente, no critério restrito de discutir se este certame é ou não um certame de humoristas, e se está ou não, portanto, fóra da ideia intencional que presidiu e orientou a sua organização.

Mas Grande Salão dos Humoristas lhe chamam os seus organizadores, e, porque nem todos os trabalhos expostos no «Silva Porto» são de molde a abrir, espontaneamente, o riso, a gargalhada ou o riso-alvar, eis que se começou logo de principio a ruminar insinuações derrotistas, que, muito embora possam justificar-se, nos parecem, a todo o pano, descabidas.

Não está certo que se critique uma exposição que não faz rir de principio a fim, como não está certo que se critique e censure a benevolencia que orientou a admissão dos expositores.

Não está certo. E' preciso auxiliar todas as manifestações de vitalidade nacional, e, acima de tudo, as manifestações artisticas, muito embora essas iniciativas sómente valham pela intenção ou pelo desejo de acertar.

Criticar não é destruir nem fazer sangue. A verdadeira missão da critica está em encaminhar, orientar e encorajar, mas carinhosamente, paternalmente.

A planta enfraquecida pelo ambiente ou pela aridez ingrata do terreno, precisa de carinhos e adubos para melhorar. Cortá-la pela raiz é destruí-la. E nunca o agricultor destruiu as suas plantas antes de acarinhar e auxiliar o seu desenvolvimento...

Ora, o Grande Salão dos Humoristas, pôde não satisfazer plenamente o seu objectivo. Mas, o que é inegavel, é que marca uma attitudé, define uma ideia, revela um programma, se bem que não attingido. Uma exposição com deficiências é, pelo menos, uma lição para futuras exposições. E embora não satisfaça inteiramente aos próprios organizadores, o certo é que valle como agente educador, chamando a attenção do publico e obrigando, pelo menos, a interessar-se pelas manifestações do espirito, e, conseqüentemente, a discernir os bons e os maus trabalhos de Arte. Demais, uma exposição, boa ou má, é sempre uma attitudé espiritual, que, só pela intenção, merece o respeito de quem da vida emotiva dos outros faz apenas um deleite ver-rimento de ácido corruptor...

Ora quem se dê a agradável attitudé de olhar, serenamente, os trabalhos expostos no Salão Silva Porto, há-de concluir, por força, que:

1.º — Na exposição há optimos trabalhos, dignos de analyse demorada, embora nem todos possam figurar sob designação de humoristas.

2.º — Embora o Grande Salão dos Humoristas não seja inteiramente de humoristas, é, todavia, um grande passo que orientará, para melhor, futuras exposições.

3.º — Que os trabalhos mais imperfeitos do certame não desmerecem os melhores, sendo de toda a justiça e conveniencia chamar os novos a expor ao lado dos que já seguem por caminho seguro, meio certo de criar o incentivo que, naturalmente, deve nascer do confronto.

Logo, o Grande Salão dos Humoristas satisfaz plenamente grande parte dos seus intuitos: reunir, fraternalmente, Artistas de todo o paiz; desenvolver entre nós o gosto pelas manifestações artisticas; e estimular os que principiam tão árdua carreira.

Dito isto, que já vai longo, passemos a dizer, em synthese, o que pensamos dos expositores.

Em primeiro lugar, sem desdouro para nenhum outro artista, collocaremos Jorge Barradas, que não

dois oleos que reputamos bons, — e apenas dizemos bons para não haver quem nos chame exagerados... São duas paisagens fortes, pintadas á maneira de Joaquim Lopes, cheias de vigor e emoção. Pena é que Silva e Sousa te-ha descuidado os primeiros planos. Mas isto não é coisa de grande monta, desde que se trata d'um artista desconhecido, talvez um principiante.

Carlos Botelho expõe duas caricaturas: «G. Suggia» e «Agostinho de Campos», pequena amostra por onde mal podem ajuizar-se dos seus meritos.

Carlos Carneiro, o desenhista magnifico das «elegancias» e dos «serranos», é outro expositor sem humorismos. Apresenta alguns desenhos e ensaios a oleo, dos quais nos agradou plenamente «Uma ruela de Sanfins»; expõe ainda um belo retrato, de seu irmão. E' um pastel admiravel, em que o Artista muito evidencia as suas grandes fidelidades de retratista excepcionalmente dotado, a ponto de nos parecer que o renome futuro de Carlos Carneiro ha-de fazer-se, acima de tudo, á custa dos meritos do retratista. E agora, aqui para nós: se tivesse deixado em casa alguns dos seus «ensaios» a oleo não perderia nada... Verdade, verdade que o «Retrato de Claudio» resalva tudo, e mais que fosse...

Carlos Guimarães Ribeiro expõe dois trabalhos, que revelam uma tentativa simpatica.

E agora, cá temos o D. Fuas, a alma do Grande Salão dos Humoristas, a quem muitos desejariam puxar as orelhas, por ter organizado uma exposição de Arte e de tentativas de Arte, em vez de organizar uma exposição de quadros de fazer rir... Verdade que não somos d'esses, embora estejamos de accordo que a designação escolhida não é a mais apropriada. Mas, adiante: não é para aqui chamado o organizador da exposição, mas sim o Artista, o expositor, que, para nós, é hoje o mais portuguez de todos os nossos caricaturistas, aparte o seu fraco evidente, embora já muito diminuido, pelo famoso Bagaria. Luiz Cunha, ou antes D. Fuas está a interessar-se pela obra mais curiosa que pode ser devida ao lapis dum desenhista. Os typos regionaes, profundamente e vincadamente regionaes, hão-de, n'um futuro proximo, constituir uma galeria inedita no campo da Arte nacional, e, por isso mesmo, d'um valor inestimavel. «Feira», «Zabumba», «Tia Rosa» e «Vira», desenhos agora expostos no Salão Silva Porto, são uma pequena amostra do que ha-de ser a grande obra futura de Luiz Cunha, que anciosamente aguardamos. Na caricatura pessoal, oferece-nos D. Fuas uma colecção originalissima, que dá a medida exacta do valor do Artista. As caricaturas de Antonio Carneiro, Ilda Stichini, Arnaldo Leite e Carlos Carneiro, são trabalhos que definem um grande temperamento de esteta: D. Fuas, para fazer caricatura, não precisa de exagerar ridiculos, antes faz Arte da mais delicada e original, como no caso da caricatura de Antonio Carneiro, que é o melhor trabalho que, n'esse género, conhecemos, embora possamos revista de memoria, alguns caricaturistas de grande renome. E' assim, aliás que entendemos a caricatura, D. Fuas expõe ainda dois projectos de cartaz, que reputamos cheios de interesse.

D. Helena de Bourbon e Menezes apresenta seis trabalhos curiosos, merecendo justo destaque o «Devaneio musical» e «Misericórdia! Deus nos guarde!».

José Rodrigues Brusco e Menezes Ferreira são expositores de real interesse, mas o ultimo, sobretudo, porque tem qualidades, deve tornar menos duros os seus desenhos. As figuras — para usarmos da frase d'um visitante — parecem de pau... Este defeito, porem, n'um desenhista de merito, deve ser facilmente corrigido. Que pense n'isto Menezes Ferreira.

Maria Noémia Silveira de Almeida expõe um desenho interessante e, uma aguarela mais interessante ainda.

é um humorista mas é um grande pintor. Tem um «Estudo», já adquirido, que é um primor; «Para a cidade», é uma tela cheia de movimento e de cor, tratada com um poder de synthese bem difficil de attingir. «Vagabundos» são tambem um excellenté desenho. Só para ver estes quadros, dariamos por bem empregada a nossa visita á exposição.

A seguir, fallaremos de Emmerico Nunes, sem duvida o mais humorista de todos os expositores, embora possa tambem considerar-se o menos portuguez de todos. Isto não obsta a que seja um desenhista admiravel, de traço seguro e com um poder de observação verdadeiramente excepcional. «A rua do Arsenal», «O discurso á beira da campa», «Turistas» e «Pastoral» são trabalhos que fazem o nome d'um grande humorista. N'estas palavras fica todo o elogio do seu talento, porque nos parece difficil encontrar lá fóra quem lhe seja muito superior.

Aberta a excepção para estes dois artistas, cumpre-nos agora falar dos outros, seguindo, porém, a ordem porque foram catalogados os seus trabalhos. Temos, em primeiro lugar, Antonio de Brito, com trez desenhos. Hesita ainda, como é natural, porque é um moço que principia.

Mas não duvidamos que possa vir a fazer optimos desenhos, sobretudo depois da ingrata prova a que não recebeu sujeitar-se. O triunfo pertence aos que trabalham. Se Antonio de Brito quizer trabalhar, como parece tê-lo demonstrado, não duvidamos do seu triunfo.

Alberto Calderon Diniz, com seis desenhos, tem alguns que revelam espirito e certa facilidade de traço. Pod, contudo, aplicar-se-lhe as considerações relativas a Antonio de Brito.

Cruz Caldas, expõe algumas caricaturas aguareladas, até certo ponto curiosas, mas de interesse restrito; tem valor, quasi exclusivamente, para os caricaturados. São evidentes as influencias de Amarelhe, mas ha que fazer justiça ao esforço metodico e persistente que o Artista revela em toda a sua carreira. Tem qualidades para ser um bom caricaturista, porque os seus progressos são lisongeiros. Resta que sejam bem orientados.

Armando de Garinelo e A. Silva e Sousa não são humoristas mas são pintores. Já é bastante. O primeiro, expõe alem d'outras obras, dois oleos apreciaveis, «60 annos» e «Ceu encoberto». O segundo expõe sete quadros, entre os quais figuram a «Serra da Manta» e «Fragão Negro».

Octavio Sérgio, um artista incompreendido, o mais deslocado de todos os expositores, por ter a preocupação das figuras que Raul Brandão dissecou nos «Pobres» e no «Humus», expõe trabalhos que nos interessaram deveras, muito especialmente os intitulados «Uma longa historia para pedir», «Alcoolico», e as figuras do primeiro plano do «Dia de mortos — noite de vivos».

O caracter doloroso e grotesco das suas figuras, talvez mal defenido, talvez em maturação, difficil de apreender por isso mesmo, torna-se mais difficil ainda n'um ambiente humorista ou quasi humorista como o da actual exposição. Urgente será, portanto, que Octavio Sérgio trabalhe com todas as suas faculdades de artista e de intelectual, que trabalhe aturadamente, afincadamente, para que em breve possa dar-nos uma exposição individual onde melhor defina o seu temperamento e onde justamente seja apreciado e admirado. São estes os nossos melhores votos, porque sinceramente admiramos Octavio Sérgio.

Para terminar, temos Ricardo Spratley com duas lindas aguarelas, «Rocóco» e «1830»; sobretudo a primeira, é cheia de delicadeza, e ainda Roberto Nobre e Serafim Rodrigues que apresentam alguns trabalhos de interesse. Do primeiro, citaremos «Samaritana»; do segundo, destacamos os «Pedintes», sendo pena que Roberto Nobre nos dê, pelos trabalhos que expõe uma medida inferior áquella que de facto valem os seus meritos largamente documentados n'uma carreira brilhante, de ha uns meses a esta parte. Infelicidades, de que ninguem está livre.